

Urdimento

REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Arar a terra e semear: estratégia metodológica pluricultural

Marcos Vinícius Firmino Pereira

Para citar este artigo:

PEREIRA, Marcos Vinícius Firmino. Arar a terra e semear: estratégia metodológica pluricultural. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 3, n. 56, dez. 2025.

 DOI: 10.5965/1414573103562025e0120

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento está licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](#) – (CC BY 4.0)



Arar a terra e semear: estratégia metodológica pluricultural¹

Marcos Vinícius Firmino Pereira²

Resumo

A pesquisa-ação envolvida propõe práticas pedagógicas interdisciplinares entre Capoeira Angola e Teatro como modos de aprendizagem para a valorização da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nos espaços escolares. Riscada e grafada em autores como Asante (2009), Rufino (2017) e Thiollent (1986), a metodologia visa combater a *cosmofobia* (Santos, 2019), expressão da marginalização simbólica da cultura negra. As oficinas realizadas em instituições de ensino públicas e privadas promoveram a ressignificação dos saberes ancestrais, ampliando a efetividade da Lei nº 10.639/03 (Brasil, 2003). A abordagem enfatiza a não-domesticção (Gonzalez, 1984; Santos, 2023) no envolvimento em cenas *afro-teatrais*.

Palavras-chave: Afrocentrismo. Arte-Educação. *Cosmofobia*. Capoeira Angola. Currículo pluricultural.

Plow the land and sow: multicultural methodological strategy

Abstract

The action research involved proposes interdisciplinary pedagogical practices involving Capoeira Angola and Theater as learning methods for the appreciation of African and Afro-Brazilian History and culture in schools. Drawing on and drawing from authors such as Asante (2009), Rufino (2017) and Thiollent (1986), the methodology aims to combat *cosmophobia* (Santos, 2019), the expression of the symbolic marginalization of Black culture. Workshops held in public and private institutions promoted the redefinition of ancestral knowledge, expanding the effectiveness of Law nr. 10.639/03 (Brasil, 2003). The approach emphasizes non-domestication (Gonzalez, 1984; Santos, 2023) in involvement in Afrotheatrical scenes.

Keywords: Afrocentrism. Art Education. *Cosmophobia*. Capoeira Angola. Multicultural curriculum.

Arar la tierra y sembrar: estrategia metodológica multicultural

Resumen

La investigación-acción propone prácticas pedagógicas interdisciplinarias que integran la Capoeira Angola y el Teatro como métodos de aprendizaje para la apreciación de la historia y la cultura africana y afrobrasileña en las escuelas. Basándose en autores como Asante (2009), Rufino (2017) y Thiollent (1986), la metodología busca combatir la *cosmofobia* (Santos, 2019), expresión de la marginación simbólica de la cultura negra. Talleres realizados en instituciones públicas y privadas promovieron la redefinición de los conocimientos ancestrales, ampliando la efectividad de la Ley n. 10.639/03 (Brasil, 2003). El enfoque enfatiza la no domesticación (Gonzalez, 1984; Santos, 2023) en la participación en escenas afro-teatrales.

Palabras clave: Afrocentrismo. Educación artística. *Cosmofobia*. Capoeira Angola. Currículo multicultural.

¹ Revisão ortográfica, gramatical e contextual do artigo realizada por Regina Ferreira Alvarez. Graduação em Letras – Português/Espanhol pela Universidade Veiga de Almeida (UVA) - Rio de Janeiro.

² Mestrando em Relações Étnicas-Raciais, no Cefet-RJ, Bolsista (Cefet-RJ). Bacharelado em interpretação teatral e licenciatura em teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Ator, produtor, roteirista e arte-educador negro, com uma caminhada diversa e plural.

 socramorama@gmail.com

 <https://lattes.cnpq.br/8329242318167459> /  <https://orcid.org/0009-0000-8010-7868>



Introdução

Este artigo apresenta uma proposta metodológica arraigada nos cotidianos de ensino de instituições públicas e privadas de Educação Básica, com o objetivo de transformar espaços educacionais através da confluência entre a Capoeira Angola e o Teatro. A metáfora do semear (Santos, 2019) é inspirada nas correlações simbólicas em como podemos inter e transdisciplinar, conforme a Lei nº 10.639/03 (Brasil, 2003), a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira.

Em campo atuante, percebe-se a transfluência (Santos, 2015) de estratégias que visam construir espaços de celebração e sociabilidade, compondo uma confluência cultural negra dentro de espaços educacionais, como alternativa de soluções perante situações de intervenção arte-educativa em que se buscou instigar reorientações possíveis de conteúdos programáticos e currículos a favor de uma cosmopercepção (Oyêwùmí, 2002) africana e afro-brasileira para a criação de alternativas inter e transdisciplinares ligadas aos modos de significação para operar os saberes orgânicos e dinâmicas rodantes (Santos, 2019).

A proposta configurou-se no processo de um agente coletivo, dinâmico e radical ³ (Moura, 1983), mobilizando aprendizes-participantes em experiências “heliotrópicas” – orientadas para a luz da cultura negra (Asante, 2009). Fundamenta-se o princípio afrocêntrico de que “[...] a educação é um fenômeno social cujo propósito é socializar o aprendiz” (Asante, 2009, p. 170), assentando-se em aglutinar espaços de sociabilidade com a Cultura Africana e Afro-Brasileira. O presente artigo tem como cerne simbólico a superação da *cosmofobia* – o medo do cosmos, injetado pelo colonialismo, para afastar o sujeito negro de sua herança cultural e impedir sua aproximação com a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nos cotidianos escolares (Santos, 2019). Essa patologia ideológica manifesta-se, por exemplo, na associação pejorativa entre cultura negra e matrizes de religião de origem africana e afro-brasileira, observada empiricamente na

³ Os agentes dinâmicos radicais são situados, historicamente, como sujeitos que conseguiram “pôr em cheque” as estruturas coloniais racistas, com a valorização de movimentos negros transformadores da condição negra. São insurreições, revoltas, organizações, legislações, quilombos, favelas, “perfurações” de espaços de poder para que, nos dias atuais, os negros possam alcançar o Estado de Direito e pertencer ao território como contribuintes e formadores da sociedade brasileira, sendo respeitada e reconhecida sua humanidade. Nada abaixo disso.

pesquisa-ação em diversos contextos escolares.

A metodologia baseada na pesquisa-ação (Thiollent, 1986) opera nas estratégias de engajamento sociopolítico contra modelos colonialistas de adestramento e domesticação (Gonzalez, 1984; Santos, 2023) formados pedagogicamente. Nessas práticas, obedeceu-se à rejeição por imperativos pedagógicos e optou-se pelo convite e livre-arbítrio, como antídotos à *cosmofobia* (Santos, 2019) percebida nos espaços institucionais de Educação. As oficinas elaboradas promoveram um intercruzamento entre a corporeidade dos modos de aprendizagem da Capoeira Angola e o pensamento do corpo extracotidiano (Barba, 2009).

Nessa transfluência, que “[...] é a composição da confluência” (Santos, 2019, p. 31), os espaços assentados foram enriquecedores como campos de observação das oficinas realizadas: COPENE 2024 (Belém/PA), IFRJ (Duque de Caxias/RJ), Instituto Dalton (RJ), CEFET (Petrópolis/RJ) e OSC Maria Navalha (RJ). Nestes locais, articularam-se movimentos iniciáticos da Capoeira Angola (ginga, meias-luas, esquivas), com a criação de cenas *afro-teatrais*⁴, utilizando-se ladinhas⁵ como fundamento da oralidade histórica.

A proposta anora-se em valores como circularidade, corporeidade, ancestralidade e comunitarismo (Silva, 2021), visando extrair o saber ancestral (Santos, 2019) e cumprir a Lei nº 10.639/03 (Brasil, 2003). Seu poder transformador reside na capacidade de “[...] contornar a ideologia do corpo ocidental” (Sodré, 1983, p. 160) e cultivar adaptabilidades em transformação nas quais os aprendizes-participantes ressignificam saberes através de modos de aprendizagem que os “[...] regurgitam e cospem transformados” (Rufino, 2017, p. 13) no cotidiano escolar. A análise das experiências revela tanto as tensões “nevrálgicas” enfrentadas pela cultura negra nos espaços institucionais quanto o potencial encantatório de uma

⁴ A expressão *afro-teatral* deriva do prefixo “afro-” que denota filiação identitária, com intencionalidade política e estética, com o sufixo “-teatral” vinculado à representação performática, centrada na dramaticidade. O termo emerge no século XX, associado às dinâmicas do Teatro Experimental do Negro (TEN), designando ações políticas, culturais e simbólicas no campo artístico. Ao interligar essas dimensões semânticas, configura-se uma linguagem cênica que ressignifica elementos do patrimônio imaterial negro. Assim, a *afro-teatralidade* consolida-se como dispositivo estético-político de reativação da memória negra, transformando heranças culturais em atos cênicos de resistência, reexistência e transformação dos currículos escolares.

⁵ São as invocações de iniciação da roda na Capoeira; cânticos, por vezes improvisados, entoando as fontes dos saberes da História e Cultura negra na sociedade brasileira.



Arte-Educação negra que perfura acessos e semeia alternativas emancipatórias de conhecimento no campo das Ciências da Educação e Relações Étnico-Raciais.

Análise das experiências: estratégia metodológica, suporte, adaptações e discussão de resultados

As oficinas *afro-teatrais*, realizadas entre 2024 e 2025, revelaram camadas possíveis de interação entre corpo, cotidiano escolar e memória ancestral. A partir do conceito de corpo confluente (Santos, 2019), operou-se uma estratégia metodológica, que reposicionou uma pedagogia como prática de contágio simbólico e insurgência performativa nas localizações onde a pesquisa-ação foi realizada.

O que segue é a análise de quatro experiências representativas, nas quais o gesto das ações de transformação emergiu como desdobramento das interações entre sujeitos, espaços, saberes e conhecimentos advindos da contribuição da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. Foram oficinas em que se ressignifica a operação de uma reconfiguração simbólica do espaço educativo através de manifestações sonoro-corporais que operaram como estratégia de desmanche simbólico das formas de aprendizagem de adestramento e domesticação.

Adestrar e colonizar são a mesma coisa. Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome. O processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta (Santos, 2023, p. 2).

Segundo Gonzalez (1984, p. 225), “[...] por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar?” A forma como o discurso foi argumentado nesses locais foi um “convite” à participação nas práticas, sem que fosse imperativo, sem que a participação fosse uma obrigação à pesquisa. “Ninguém é obrigado a nada”, foi o enunciado. Isto vai desmanchando e pulverizando o vírus da *cosmofobia* (Santos, 2019) porque, nesses espaços de localização social e psicológica, em muitos casos, as pessoas em formação são “domesticadas” a se moldar perante os conteúdos programáticos que atrofiam o conhecimento aplicado. Assim, *mandinga-se* uma estratégia de ensino e



afrouxam-se os imperativos para que os aprendizes-participantes tenham a opção de escolha. Quando “desmanchamos” a imposição, encantamos com o livre-arbítrio ou o efeito de comungar que ancora a centralidade do chão que cada indivíduo pisa e quer pisar.

A Arte-Educação negra é trazida a contribuir para a aproximação do cumprimento da Lei nº 10.639/03 (Brasil, 2003) no cotidiano escolar público e privado. Foi possível elaborar uma estratégia metodológica pluricultural, que “perfura” acessos no lugar da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, e ser opção à defesa da diversidade arte-educacional, a fim de que a Lei seja cumprida em todos os âmbitos na reorganização dos currículos escolares, com possibilidade de novas concepções de adaptação de assentamentos “cosmoperspectivos” no cotidiano escolar.

A responsabilidade do agente-propositor nos espaços institucionais de Educação é irradiar possibilidades de “destruição” dos modelos colonialistas de adestração e domesticação no cotidiano escolar. Podemos buscar o extravismo do saber ancestral (Santos, 2019) nesta proposta de arar a terra e semear a interação com a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira ao encantar o envolvimento de um espaço de sociabilidade trazido em:

[...] contornar a ideologia do corpo ocidental – expressa nas prescrições que obrigam a um determinado uso do corpo, nas representações fixas, nos hábitos adquiridos e consolidados – e adotar, em questão de segundos, uma atitude nova (Sodré, 1983, p. 160).

Assim, opta-se por fundamentar assentamentos de escolha de livre-arbítrio, transformando as palmas – gestos aparentemente cotidianos – em dispositivos de evocação ancestral, ressignificando o cotidiano escolar como território de insurgência poética, conforme podemos detectar na Tabela abaixo.

Tabela 1 – Ilustração da estratégia metodológica, adaptações, locais e duração

Local	Número de aprendizes-participantes	Duração	Estratégia adaptativa
COPENE/2024 – Belém/PA	10 pessoas entre 20-55 anos. Negros.	240 minutos – divisão de 2 oficinas de 120 minutos.	Ginga; gesto performático; imagens em relação; elementos da natureza; inserção de ladinhas; criação de cenas <i>afro-teatrais</i> .
IFRJ-Duque de Caxias (RJ)	80 pessoas entre 16-55 anos. Variados.	120 minutos	Ginga; movimentos corporais-verbais da Capoeira Angola; coreografias lacunares; inserção de ladinhas; criação de cenas <i>afro-teatrais</i> .
Rede de Ensino Dalton (4) – Rio de Janeiro/RJ	220 pessoas entre 8-40 anos. Variados.	480 minutos – divisão de 4 oficinas de 120 minutos	Ginga; movimentos corporais-verbais da Capoeira Angola; coreografias lacunares; inserção de ladinhas; criação de desenhos e escrita criativa; criação de cena <i>afro-teatral</i> ; exposição de mosaico de criação.
CEFET – Petrópolis/RJ	60 pessoas entre 14-18 anos. Variados.	240 minutos – divisão de 2 oficinas de 120 minutos.	Ginga; movimentos corporais-verbais da Capoeira Angola; formação improvisacional de uma roda de capoeira; inserção de ladinhas e sambas-raiz; criação de cenas <i>afro-teatrais</i> , com figurinos remetentes ao Samba e Capoeira Angola.
OSC Maria Navalha – Rio de Janeiro/RJ	20 pessoas entre 9-60 anos. Variados.	30 minutos de oficina.	Ginga em confluência com Dança-afro.
Total de localizações: 8	Total de pessoas: 390 participantes.	Total em minutos/horas : 1.110min./19h.	Resultado: Exercícios lúdicos adaptáveis, a partir de patrimônio imaterial da Cultura Africana e Afro-Brasileira.

Legenda: estratégia metodológica pluricultural em pesquisa-ação nas localizações dispostas, mobilização de aprendizes-participantes, horas complementares interdisciplinares e resultado obtido. Fonte: Marcos Pereira (2025).

Apresenta-se, a partir da Tabela 1 acima, a pesquisa-ação nas localizações diversas, em formato de oficinas, que resultaram em atividades lúdicas de interdisciplinaridade com a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, dentre as raízes culturais negras: a Capoeira Angola, Samba e Dança-afro, em transfluência com fundamentos da teatralidade antropológica. Verifica-se que a estratégia altera, dependendo da localização em áreas externas ou internas, número de



aprendizes-participantes, faixa etária variante e efetividade no enfoque participativo das atividades lúdicas.

Foi possível analisar através das “[...] ações nos meios sociais delimitados, principalmente com referência aos campos constituídos e designados como educação, comunicação e organização” (Thiolent, 1986, p. 9), a contaminação da *cosmofobia* intrínseca (Santos, 2019) no cotidiano escolar nos primeiros contatos entre agente-proponente e aprendizes-participantes, pois uma pessoa, pelo menos, ao perceber a abordagem-temática cultural negra nas práticas, questionava se havia conexão com “macumba”⁶, expondo o medo da cultura negra na relação entre as religiões de matriz africana. A desassociação ocorreu somente na localização OSC Maria Navalha/RJ devido também ao funcionamento de uma casa de axé no local.

A pesquisa-ação ainda se deparou com a realidade do cotidiano escolar quanto à aproximação com a Arte e Cultura negras, já que cerca de 90% dos aprendizes-participantes não tiveram contato algum com capoeira ou teatro. Por isso, foi necessário fundamentar estratégias discursivas de aproximação com os sujeitos atuantes ao construir um espaço de confiabilidade e adaptabilidade do campo da Educação na aprendizagem das manifestações artísticas e culturais negras.

Por meio dos dados coletados, verificou-se a operalização de uma reconfiguração simbólica do espaço educativo alocado na apropriação ritualizada em sociabilidade. Através de elementos corporais, gestualidades lentas, instaurou-se um território estético-afetivo, com saberes e conhecimentos advindos da Cultura negra. Com as atividades lúdicas e oníricas, perpetraram-se metáforas corporais, constituíram-se como vetores de contágio imagético, fazendo da ginga uma prática de reexistência. De seus atos, germinam cenas *afro-teatrais*, reafirmando o eixo da centralidade simbólica do processo de transformação e adaptação mútua entre conteúdo, agente-propositor e aprendizes-participantes.

A presença cênica gerada por essas gestualidades remete à ideia de corpos

⁶ Expressão usada, sobretudo, no sudeste do país, onde são nomeadas as religiões de matriz africana: Candomblé, Umbanda, Quimbanda, dentre outras.

teatralmente decididos (Barba, 2009), ao passo que rompe com a racionalidade linear do palco Ocidental, ressignificando as localizações como espaço de criação arte-educativa em sociabilidade com a Cultura negra, memória ancestral e luta pela abordagem de um conteúdo de aprendizagem e aproximação à História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, assentando instaurações de ritos involuntários, em resposta não programada como palmas rítmicas, que passaram a emergir espontaneamente e impregnar durante a apresentação das cenas *afro-teatrais* em todas as localizações. Revela-se um substrato de memória corporal coletiva que subverteu a estrutura disciplinar da escola.

Nas quatro unidades da Rede Dalton/RJ, a proposta *afro-teatral* enfrentou resistência inicial dos estudantes à prática corporal em espaços fechados. A dispersão e o incômodo evidenciaram uma crise pedagógica, solucionada pela adoção de agrupamentos por afinidades sensíveis (movimento, escrita, desenho). A convergência desses núcleos culminou na produção de um mural coletivo, que funcionou como síntese *transfluente* das diversas expressividades, como a potência simbólica de ressignificação espacial. Esta ressignificação também aconteceu nas dependências do CEFET-Petrópolis/RJ, onde as atividades ocorreram num antigo tribunal de julgamento de pessoas escravizadas, e que foi ocupado por uma formação de roda de capoeira e Samba, instaurando um campo litúrgico de ancestralidade e transgressão. A juventude presente performou gritos de resistência, como “Liberdade pro Poze”, evocando a criminalização das manifestações negras urbanas contemporâneas, assim como a ressignificação das ações quando em confluência com a Dança-afro e a ginga, produzindo os modos espirais de diálogo com a tradição (Martins, 2021). A confluência entre arte, rito e pedagogia instaurou o que pode ser nomeado como liturgia confluente, em que os saberes ancestrais não são apenas ensinados, mas vivenciados coletivamente.

Contribuir para o melhor equacionamento possível do problema considerado como central na pesquisa, com levantamento de soluções e proposta de ações correspondentes às “soluções” para auxiliar o agente (ou ator) na sua atividade transformadora da situação. É claro que este tipo de objetivo deve ser visto com “realismo”, isto é, sem exageros na definição das soluções alcançáveis. Nem todos os problemas têm soluções a curto prazo (Thiollent, 1986, p. 18).

As ações foram possíveis devido às articulações de professores – em sua maioria, docentes negros magistrados – dessas instituições educacionais públicas e privadas, que verificaram a inviabilidade de operações de mediação com a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira e a interação com o currículo escolar da Instituição, de modo que as soluções foram delineadas em curto espaço de duração, sendo criadas as suposições simbólicas sobre o cultivo de estratégias metodológicas operacionais nos modos de aprendizagem nas localizações. Não foram acompanhados, posteriormente, os resultados da prática-ação nesses espaços educacionais.

Assentou-se, nessas localizações, o princípio do comunitarismo ancestral, conforme formulado por Santos (2019), em que somos seres partilhantes no ciclo do compartilhamento comunitarista que não impõe, adestra ou domestifica corpos em confluência.

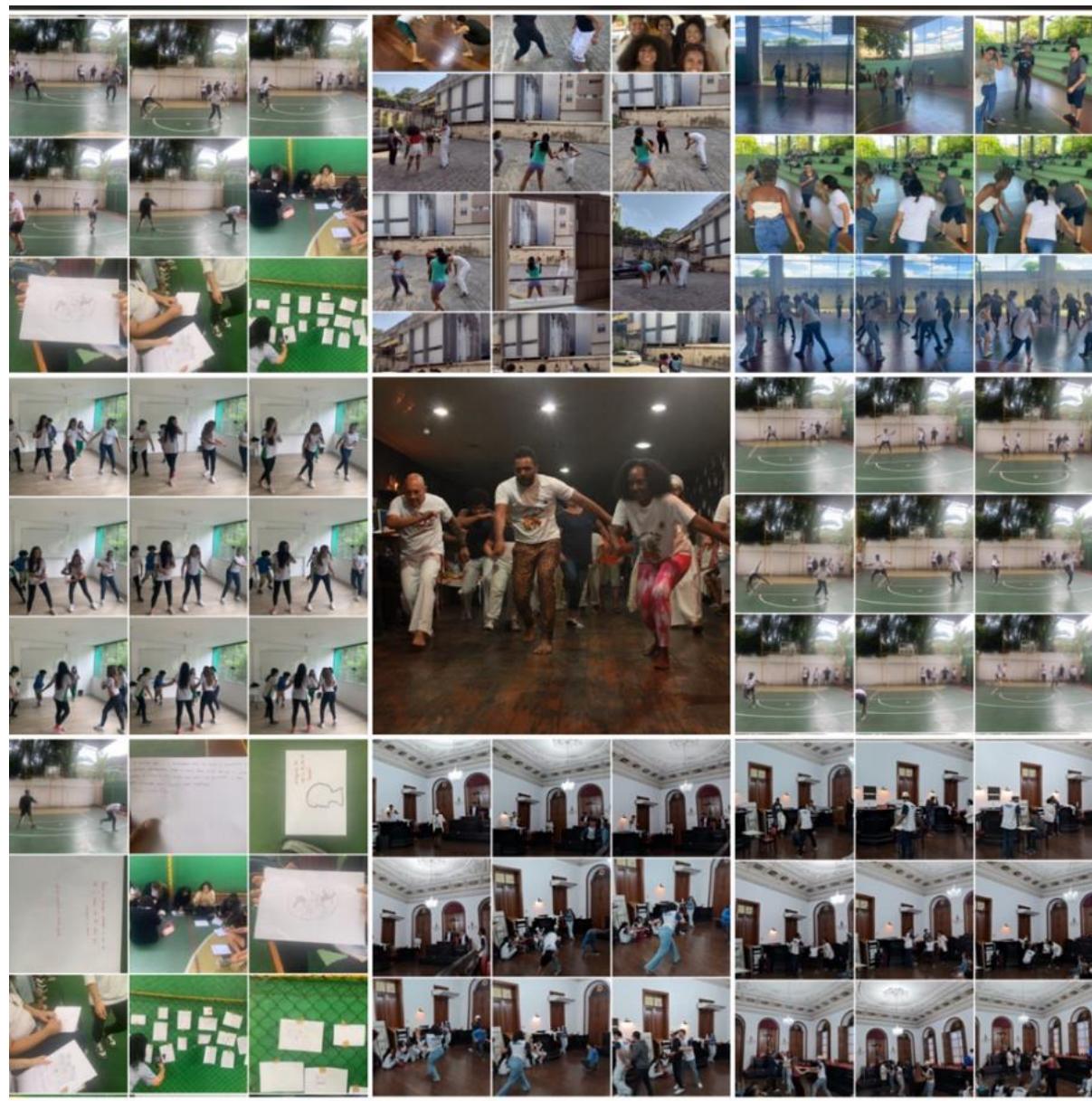
Quando ouço a palavra confluência ou a palavra compartilhamento pelo mundo, fico muito festivo. Quando ouço troca, entretanto, sempre digo: “Cuidado, não é troca, é compartilhamento”. Porque a troca significa um relógio por um relógio, um objeto por outro objeto, enquanto no compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham. Quando me relaciono com afeto com alguém, recebo uma recíproca desse afeto. O afeto vai e vem. O compartilhamento é uma coisa que rende. Quando cheguei ao território em que estou hoje, já existiam outros compartilhantes que nos recepcionaram (Santos, 2023, p. 21).

Tal abordagem desestabiliza a pedagogia normativa e favorece um espaço de coautoria, no qual a escuta do corpo e a reconfiguração dos afetos constituem-se como modos de aprendizagem de saberes e conhecimentos pluriculturais. “Eu falarei de uma força que chamarei de transfluência, que é a força compositora da confluência” (Santos, 2019, p. 23). Pelos meios dispostos, *transfluimos* uma alternativa através do patrimônio imaterial negro – a Capoeira, o Samba e a Dança-afro – à imposição colonialista de ensino.

A capoeiragem é um jogo livre, possibilitando ao capoeirista improvisar, dentro de suas características, e até criar novos movimentos em que se encontra “vadiando” e, às vezes, sem que ele próprio perceba, assim condições de repeti-los, por mais que se esforce, depois de terminado o jogo (Bola Sete, 2001, p. 47).

A proposta foi a operação dessa metamorfose improvisacional lúdica de contágio nos jogos de interação e relação entre o agente-propositor, o conteúdo e os aprendizes-participantes a fim de propiciar o contato na capoeiragem-jogo que transmuta em teatralidade circular, afetando os sujeitos envolvidos nos eixos condutores entre os elementos dos movimentos corporais e, a partir daí, criar novos movimentos afetados, gerando um corpo sensível e autônomo para “vadiar” jogos, como afirma Santos (2019, p. 26): “A capoeira é rodando, no terreiro a gira é rodando, no reggae também rodamos. Tudo nosso é rodando. O tambor é redondo [...] E é exatamente por isso que nós não perdemos”.

Figura 1 - Mosaico das ações da pesquisa-ação nas localizações supracitadas.
Fonte: Marcos Pereira





Considerações finais

Flutuam, em polos paradigmáticos, tidos como opostos, o signo da brancura, sinônimo do bem e do belo; o signo da negrura, metáfora do marginal mau e feio; e o signo do indígena, sinônimo de selvagem e incivilizável. No caso brasileiro, enunciados que definem o sujeito negro e sua cultura e saberes, manifestados numa categorização e pensamentos individuais, coletivos, institucionais, dentre outros, que implícita e, ao mesmo tempo, explicitamente, legitimam atos de violência acoplados, repetidos, comunicados, reificados e refutados nas diversas modalidades e meios de produção – teatral, literária, cinematográfica, publicitária, plástica, televisiva, educacional e, sendo assim, na vida cotidiana.

Na capoeira, a aparência, para quem assiste de fora, dá-se por uma duplicitade de sentidos; para o colonialista, é apenas uma “dança”; para a sociedade, um “esporte” ligado à Educação Física. A cultura negra é esse jogo de aparências em códigos indecifráveis, que metamorfoseiam e são livres para metamorfosear nas demandas necessárias nos campos propostos e propícios, sendo operador de alteridades em interseção cultural.

Propõem-se, assim, modos de aprendizagem e possibilidades de confluir saberes e conhecimentos africanos e afro-brasileiros na formação docente e discente para articular e aprofundar nos saberes artísticos ancestrais negros, na forma operacional, a fim de incluir estratégias metodológicas afluentes e pluriculturais.

Para isso, leva-se em consideração, os deslocamentos, descentramentos, desconstruções e construções sígnicas – criação de atividades corporais e orais cognitivas, improvisações no espaço circular, tessituras de dramaturgias possíveis –, na elaboração e projeção de formas cênicas diferenciadas não ortodoxas, contrariando a lógica jesuíta que fundamentou a Arte-Educação no princípio de tudo isso que chamamos hoje de Brasil.

Pretende-se, a partir da escrita deste artigo, descrever os processos de tomada de espaços educacionais e assentar possibilidades com a herança africana e *afropindorâmica* no patrimônio imaterial da humanidade negra. Compreender



que a história foi de luta, insurreição, resistência, estratégias, acordos de interesse, negócios e confluência; que nossos corpos históricos, mandingueiros e confluentes circunscrevem este Estado de Direito de sermos humanos em evolução com nossa História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e *afropindorâmica*.

Temos plenamente o direito de escolha de qual saber e conhecimento queremos *transfluir*, e como *transfluiremos* o lugar do saber ancestral no cotidiano escolar; a reinvenção estratégica metodológica de um patrimônio imaterial cultural; a estratégia semeada nas instituições educacionais públicas e privadas; a participação de aprendizes-participantes na criação de cenas *afro-teatrais*; o incentivo ao retorno deles sobre a experiência apreendida para fundamentar, de uma vez por todas, os modos de arar; semear na terra do cotidiano escolar os saberes e conhecimentos pluriculturais decoloniais e germinar confluências de formação tanto de agentes quanto de aprendizes-participantes.

Referências

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.

BARBA, Eugenio. *A Canoa de Papel*: Tratado de Antropologia Teatral. Brasília: Teatro Caleidoscópio, 2009.

BRASIL. *Lei nº 10.639*, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, São Paulo, p. 223-244, 1984. Disponível em: https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/10316/1/06_GONZALES__L%c3%a9lia_Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira_1.pdf. Acesso em: 10 set. 2025.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar*: poéticas do corpo-tela. [Recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOURA, Clóvis. Escravismo, colonialismo, imperialismo e racismo. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 14, p. 124-137, 1983. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/download/20824/13425>. Acesso em: 10 set. 2025.



OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizando o corpo: teorias Ocidentais e sujeitos africanos. [Título original: Visualizing the body: Western theories and African subjects]. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P. J. (ed.). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Trad. Pedagógica: Anderson F. Nascimento.

RUFINO, Luiz. *Exu e a pedagogia das encruzilhadas*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: INCT/UnB, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético. In: OLIVA, Anderson Ribeiro [et al.] (Org.). *Tecendo redes antirracistas: Áfricas, Brasis, Portugal*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 23-35. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer. Imagens de Santídio Pereira*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SILVA, Gisele Rose. *Azoilda Loretto da Trindade*: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros. Rio de Janeiro: Metanoia, 2021.

SODRÉ, Muniz. *A Verdade seduzida*: por um conceito de Cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1986

Recebido em: 21/07/2025

Aprovado em: 07/11/2025